



GIUBILATO, G. J. *Freiheit und Reduktion*.
Grundzüge einer phänomenologischen Meontik bei Eugen
Fink (1927-1946). Nordhausen: Traugott Bautz, 2017,
262p.

Dra. Cathrín Nielsen
Eugen-Fink-Zentrum Wuppertal²

O notável estudo de Giovanni Jan Giubilato, publicado na série *Ad Fontes* da editora Bautz (Alemanha), trata da exposição e da explicitação detalhada de uma relação que, embora apareça parcialmente já em Husserl, manifesta-se explicitamente no pensamento de seu aluno e último assistente Eugen Fink: a relação dialética de mútua dependência entre redução e liberdade. A ideia fundamental de Fink é que a projeção (*Entwurf*) da liberdade humana, que deve ser executada continuamente e

¹ Tradução: Drnd. Felipe Maia da Silva (USP).

² E-mail: cathrinnielsen@gmx.de

sempre de novo, constitua o verdadeiro núcleo de pensamento da fenomenologia: a redução enquanto movimento que nos liberta da atitude natural e que nos permite superar sua limitação. O *télos* originário da filosofia seria, portanto, a liberdade humana, não formalmente pensada, mas sim como dimensão tanto “transcendental” e absoluta como existenciária (*existenzieller*) e sempre-minha (*je-meinig*).

Giubilato desdobra esta ideia ao atravessar o projeto fenomenológico-meôntico inicial de Fink, que ficou acessível – desde a publicação em 2006 dos primeiros dois volumes da *Phänomenologische Werkstatt* editados por Ronald Bruzina (Vol. 3/1 e 3/2 das *Obras Completas* de Fink) – em forma de incontáveis fragmentos e anotações, alguns elaborados, outros apenas esboçados ou posteriormente rejeitados. Giubilato concentra-se nos anos de colaboração com Husserl e, assim, no período de formação do perfil filosófico autônomo do próprio Fink. Ao mesmo tempo, tem sempre em vista também a obra posterior de Fink, traçando assim caminhos fecundos em sua cosmologia. Particularmente com relação à vinculação e continuidade do pensamento finkiano antes e depois do corte da Segunda Guerra Mundial não houve até agora praticamente nenhum trabalho monográfico, de modo que a tese de doutorado de Giubilato pode ser contemplada como um alicerce indispensável.

No primeiro capítulo (*Da filosofia transcendental à meôntica*) é desdobrada a ideia de Fink de uma filosofia me-ôntica, desenvolvida através do confronto crítico com o idealismo transcendental husserliano. Segundo Fink, esta ideia já está presente de forma alusiva em Husserl, sem que este conclua, contudo, o passo até a “natureza meôntica da subjetividade absoluta”. Nesta, a questão da autoconstituição de uma consciência absoluta é transferida para a questão da relação entre o absoluto não existente (*me on*) e o mundo existente. Essa relação entre o absoluto e sua aparição mundana é chamada por Fink de “liberdade”. De acordo com isso, a ideia de uma fenomenologia me-ôntica do absoluto é fundamentalmente uma “doutrina da liberdade” (*Lehre von der Freiheit*), cuja interpretação é então o tema das duas partes principais do estudo.

Por que a liberdade? O segundo capítulo (*O início da filosofia e o problema da liberdade*) trata dessa temática. A questão que diz respeito a um início metodologicamente seguro da filosofia - e que Husserl formulou em vista do ideal da ciência - é gradualmente removida por Fink da sua ancoragem pós-cartesiana no *ego cogito* e conduzida à perspectiva do *problema do mundo*. Nessa mirada, o mundo não mais aparece como correlato de uma subjetividade transcendental, mas como o que nos convoca a refletir sobre nosso lugar, nossa localização (*Verortung*) tanto no originado (*Entsprungenheit*) da manifestação intramundana como no infinito, ou seja, na origem me-ôntica do mundo. Esta diferença entre o absoluto e o finito marca a situatividade humana no mundo e exhibe, ao mesmo tempo, a primeira motivação da filosofia: como ponderação (*Besinnung*) sobre o infinito “esquecido” no finito, sobre o apriori do mundo que, justamente enquanto apriori me-ôntico, não chega a aparecer. A execução (*Vollzug*) desta ponderação é “liberdade”, já que faz detonar a atitude natural.

Mas como é motivada a liberdade para essa “detonação”? O terceiro capítulo (*A radical ausência de motivação da filosofia e a liberdade*) trata desta questão. De fato, no horizonte da atitude natural, que é essencialmente fechada, não há “nenhum problema para o qual a fenomenologia poderia se revelar como resposta”. Em outras palavras, a superação da finitude não pode ser finitamente motivada; pelo contrário, ela marca a irrupção do absoluto no mundo: “Fink define a ponderação sobre a situação de mundo como re-cordação (*Er-Innerung*). Ela é efetivamente uma *recordatio*, uma *anamnesis* do esquecido apriori do mundo”. A tonalidade afetiva fundamental (*Grundstimmung*) que lhe corresponde é, portanto, o espanto (*thaumázein*) enquanto disposição que justamente se retrai da disponibilidade da liberdade humana – é o espanto que “se apodera” de nós.

A segunda parte do escrito trata, em consequência, do conceito chave da “meôntica” fenomenológica “como doutrina da liberdade”: trata da “redução enquanto libertação”. No quarto capítulo (*A redução e a sua situação*) é levantada a pergunta acerca das condições iniciais da execução desta libertação, que Fink, através de uma análise da medialidade da consciência de imagem (*Bildbewusstsein*), concebe como um ato *medial* para o aparecer do absoluto. Na execução da redução abre-se, por assim dizer, uma “janela para o absoluto” que, partindo da “situação mundana de exteriorização”, a ilumina de volta (e permanece referida a ela), oscilando assim inevitavelmente entre libertação intramundana e superação da finitude. O quinto e último capítulo (*Aprisionamento no mundo [Weltbefangenheit] e libertação*) mostra em que medida a situação mundana da redução é essencialmente não-livre e em que sentido a redução pode ser compreendida mais precisamente como libertação. O lugar da manifestação do absoluto, que para além desta manifestação não é – o não ser é o *mé on* –, é, como dito, o mundo. E dado que o humano existe como *ens cosmologicum* – como entidade mundana –, como dirá Fink posteriormente, esta análise estrutural demanda, por um lado, uma exibição do apriori do mundo na existência mundana e ingênua (este seria o despertar da liberdade), apresentando, por outro lado, também a execução radicalizada do habitar humano na passagem pelo “nada” do mundo. Isto faz com que seja necessário percorrer retrospectivamente o caminho da constituição do mundo (*Weltkonstitution*) e da nossa estadia nele enquanto “seres humanos no mundo” com uma certa violência, por assim dizer, contra a “vida natural”: para compreender a “humanização” (*Vermenschung*) do absoluto é necessário executar uma “des-humanização” (*Ent-menschung*), uma *periagogés tes psyches*. O movimento transcendente que ocorre com a execução da redução teria assim o sentido de um “aniquilamento não ôntico da ‘máscara da subjetividade existente’, que agora vira transparente”.

Com o conceito de “in-stância” (*Instand*) ou “in-stâncias” (*Instände*) (historicidade, nascimento, morte, estar-junto e destino) Fink elabora uma ferramenta metódica para compreender a “auto-objetivação da vida absoluta”, sua mundanização ou “ontificação”. A “instancialidade” (*Inständigkeit*) marca a origem

do *Dasein*, sua procedência (e aqui Giubilato trabalha exaustivamente sobre importantes aspectos do confronto de Fink com a ontologia fundamental de Heidegger). O último estágio da regressão no processo redutivo enquanto “des-humanização” consiste, porém, também na libertação destas instâncias, nas quais o absoluto sai da sua transcendência radical, se finitizando em uma posição mundana no cosmo (*mundane Stellung im Kosmos*). Neste conhecimento me-ontológico do ontológico (do ser) podem ser tematizadas, de uma forma “construtiva” (e não analítica) – Fink fala também de especulação –, as estruturas da “queda no mundo” (*Weltsturz*) (da finitude). A redução fenomenológica se torna, assim, uma “ab-solução me-ôntica”, um desprendimento radical do aprisionamento-no-mundo e uma recondução ao originário, ao não-aprisionamento no mundo – porém não num sentido meramente metodológico e artificioso, mas como “dor do despertar” que “o espírito absoluto inflige a si mesmo”. Só enquanto absolução a redução conduz à liberdade entendida como *ekbasis*, como um “desvincular-se libertador”.

À *ekbasis* enquanto “saída” do mundo aparente corresponde, por outro lado, a *katabasis* do absoluto, sua própria auto-externação, sua finitização emanativa no mundo. A ideia de uma fenomenologia me-ôntica do absoluto enquanto doutrina da liberdade se completa, assim afirma Giubilato, “na interação entre *ekbasis* redutiva e *katabasis* constitutiva”, entre ascensão na libertação e descida na externação.

A decisão do autor de apresentar a ideia finkiana de uma fenomenologia me-ôntica do absoluto enquanto doutrina da liberdade revela-se no resultado ponderado e coerente de uma feliz e bem sucedida aposta. Com sua lúcida precisão, concisão e atenção para os detalhes, Giubilato consegue, de forma sólida e fascinante, ressaltar e delinear o próprio caminho de pensamento de Fink a partir do labirinto das tentativas de diálogo crítico com Husserl e Heidegger. Mas também com relação ao trabalho posterior de Fink – seu pensamento cosmológico – são definidas algumas linhas de pesquisa e interpretação decisivas, sobretudo no que diz respeito à concepção de que somos e permanecemos “entidades mundanas” e de que o próprio “mundo” é caracterizado por um momento de retração, que de certa forma refere-se diretamente a nós enquanto “fragmentos” de sua dupla diferença. A riqueza das análises entrelaçadas entre si, a originalidade do acesso interpretativo, o cuidadoso trabalho sobre o conceito, bem como a paixão e a profundidade filosófica da execução da obra mostram o estudo de Giubilato como um marco essencial no confronto com um autor que, graças ao apoio internacional, está atualmente emergindo de seu esquecimento no panorama da pesquisa alemã.

Submetido: 12 de junho de 2021

Aceito: 10 de julho de 2021

RESENHA

GIUBILATO, G. J. *Freiheit und Reduktion*.